

A ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 15, QUAI VOLTAIRE

Dirige todos os pedidos de assignaturas e números
envia : ao Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 42, rua
de Alameda, LISBOA; e ao Brazil, ao sr. JACÓ DE
MELLO, 38, rua da Quitanda, RIO DE JANEIRO.
Prix du numéro à Paris, 1 franc.

7.º ANNO.— VOLUME VII.— N.º 19

PARIS 5 DE OUTUBRO DE 1890

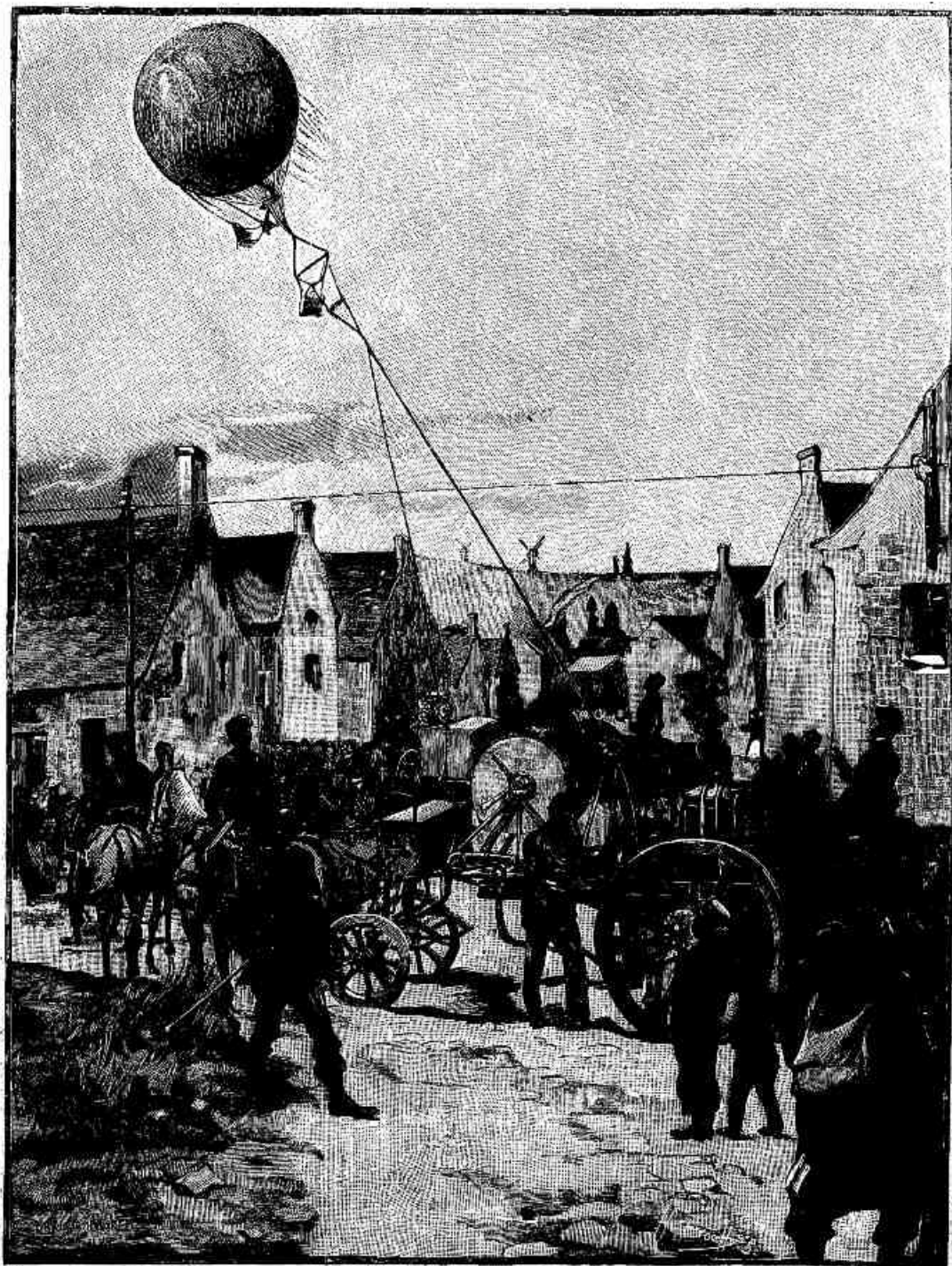
Gerente em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI.

PORTUGAL

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAYA, LISBOA

ASSIGNATURAS

ANNO	2,400 REIS
SEMPRE	1,200 —
TRIMESTRE	600 —
AVULSO	100 —



AS GRANDES MANOBRAS DO EXERCITO FRANCEZ. — O EMPREGO DOS BALÕES.



CHRONICA

APROPOSITO DO TESTAMENTO

ALGUMAS das causas do descrédito a que chegou a Política no nosso paiz, e do descontentamento que lavra por toda a parte, são os expedientes odiosos e arbitrários de que se servem os governos, para servir os seus amigos ou para exercer as suas vinganças políticas.

Entre esses expedientes, com certeza o mais indecoroso, o mais improprio d'um paiz que se diz liberal e que se ufana de ter uma justiça, o que mais corrompe e mais desprestigia as instituições, quaesquer que ellas sejam, — é esse vergonhoso expediente que se chama em calão politico o *testamento*, e que serve para os ministros demissionarios fazerem despachos injustos e immoraes que não ousariam defender no parlamento, de tal modo elles offendem o sentimento publico.

Ahi está uma parte do mal que nos devora, e das imprudencias ministeriaes que são a causa da anarchia que hoje reina em Portugal.

Se as instituições se sentem abaladas, a culpa é de todos quantos tem abusado das prerogativas ministeriaes, e se as instituições se sentem em desacordo com a opinião do paiz, os responsaveis d'esse terrivel conflicto são todos aquelles que no poder procederam como alguns dos ministros regeneradores que ha pouco fizeram o seu *testamento politico*.

Vejamos os factos:

Porque cahio o ministerio presidido pelo senhor Antonio de Castro?...

Porque collocou o Estado n'uma desgraçada situação financeira com o malogro do emprestimo de Paris; — porque offendeu as tradições liberaes com a ridicula dictadura contra a liberdade de imprensa, de reunião e de associação; e principalmente porque descejava fazer um tratado com a Inglaterra no qual as nossas colonias d'Africa passavam a viver sob o regimen do protectorado, alienando Portugal todos os seus direitos e primazias a territorios cuja posse nenhuma potencia pôz jámais em duvida.

N'estas condições o gabinete Serpa Pimentel teve de pedir a sua demissão, não diante d'um voto de desconfiança das Camaras, por que ali a maioria era do governo, — mas diante das criticas da imprensa *progressista e republicana*, e dos protestos de toda a nação.

Esse gabinete cahio, por ter dado sufficientes provas de incapacidade para gerir os negocios do Estado. Esse gabinete cahio, porque a sua incapacidade não podia arrastar a vergonha d'uma tutela ingleza.

E que vemos em seguida a demissão do gabinete?...

Vemos os ministros demissionarios, emquanto se não fórma novo gabinete, passarem os dias e as noites nomeando dezenas de amigos e correligionarios para lugares para os quaes esses individuos não deram nenhuma prova publicas da sua competencia!

Mas em nome de que moral, em nome de que direito, foram feitas semelhantes nomeações e semelhantes despachos?

Que razões ha para justificar que ministros demittidos por incapacidade provada, podem

dispor dos lugares do Estado, sem prévio concurso, em beneficio dos seus amigos?...

Mas o que vem a ser n'este caso o Estado, a administração publica? Um quintal, uma horta, de que dispõem os politicos, para com ella beneficiarem os seus afilhados?...

Toda a gente anda para ahi a gritar que o paiz está perdido, que Portugal é um paiz morto, porque ha falta de talentos, de estadistas, porque não temos o mão nem um Bismarck, nem um Salisbury.

Do que nós temos falta é de bom-senso e de moralidade, de quem saiba marchar por caminho direito, e não pelos caminhos duvidosos e tortuosos em que andamos metidos ha muito anno. E que Deus nos livre dos *talentos* e mais dos *estadistas*!

Não tinha tanto *talento* o sr. Franco Castello Branco e mais o sr. João Arroyo? E o que fizeram esses famosos *talentos* durante nove mezes de governo?... Onde deixaram o signal d'uma ideia, d'um projecto ou d'um programma?

Não tinha tanto *talento* o sr. Lopo Vaz, *talento* que todos apregoavam com admiração e assombro? E o que succedeu?... Passou o seu tempo a annular o sr. Hintze Ribeiro, imaginando que depois de ter enterrado o ministro dos estrangeiros, o paiz se voltava para elle como para um salvador da patria!...

Não eram tão apregoados *estadistas* o senhor Hintze Ribeiro e mais o sr. Barjona de Freitas? E não os vemos naufragarem tristemente n'um tratado em que ia ficando para sempre comprometida a vida e a honra de Portugal?...

O mal não está na falta de *talentos*, nem na falta de *estadistas*. O verdadeiro mal está na falta de bom-senso e de moralidade.

O *testamento* do ministerio regenerador é a triste prova de que alguns dos homens que o compunham, ou não tinham moralidade, ou não tinham bom-senso.

Como é possível merecerem a confiança do paiz, aquelles que n'uma hora tão angustiosa para a nação portugueza, passaram o tempo despachando os afilhados para lugares rendosos, ou demittindo uma camara municipal porque era composta de *progressistas*!

Isto talvez para os politicos não tenha uma grande importancia; mas revolta e offende a opinião publica! E é com expedientes tão desmoralisadores que os partidos se desacreditam e as instituições descem na consideração da gente sensata...

E' preciso que os politicos compreendam que o paiz está farto de homens que só vão ao poder para satisfazerem os appetites do seu partido.

A nação portugueza está atravessando uma crise gravissima, e todos quantos amam a sua patria estão alertas para opporem a mais decidida resistencia a tudo quanto seja governar d'antiga que consistia em fazer emprestimos e em empregar os correligionarios.

Hoje temos diante de nós um gravissimo problema financeiro a resolver, mais um gravissimo problema colonial, sem contar as reformas internas que é urgente fazer. Temos um orçamento de guerra, e não temos exercito; temos um orçamento de marinha, e não temos navios; temos um orçamento da instrucção publica, e não temos instrucção!

Todo esse dinheiro que todos os annos figura no orçamento do Estado, desaparece... Para onde vai? onde se gasta?... Nos ordenados com os funcionarios publicos?...

Que a triste queda do gabinete regenerador possa servir de exemplo e de lição aos homens que hoje foram chamados para o poder e para es que de futuro para ali forem.

E' preciso que se compenhem bem d'uma cousa — é que hoje em Portugal a vida dos ministerios não depende da attitudde do Parlamen-

to, mas sim da Opinião-publica, representada pela imprensa.

O gabinete Serpa Pimentel não foi vencido pela camara, mas sim pelos jornaes, — por esses mesmos jornaes que elle julgava ter amordaçado com as leis da dictadura...

Isto é mais uma prova de descrédito ou da fraqueza do parlamentarismo, ou antes d'essa ficção parlamentar que existe em Portugal.

Tratem pois de governar d'outro modo e de pôr de parte os velhos expedientes e as velhas tricas politicas e parlamentares.

Aliás o descontentamento irá lavrando por todo o paiz, ao descontentamento seguir-se-ha a anarchia, e só Deus sabe onde tudo isso que para ahi ha irá parar, arrastando na sua queda, não dirá a nossa honra, mas talvez a nossa independencia!

MARIANO PINA.

BEIJO ETERNO

*Quero um beijo sem fim,
Que dure a vida inteira e aplaque o meu desejo!
Ferve-me o sangue: acalma-o com teu beijo!*

*Beija-me assim!
O ouvido fecha ao rumor
Do mundo, e beija-me, querida!
Vive só para mim, só para a minha vida,
Só para o meu amor!*

*Fôra, reponse em paz
Dormida em calmo sono a calma Natureza,
Ou se debata, das tormentas presa, —
Beija uida mais!*

*E, enquanto o brando calor
Sinto em meu seio de luz seio,
Nossas boccas febris se unam com o mesmo anseio,
Com o mesmo ardente amor!*

*Succeda a treva d' luz!
Vele a noite de crepe a curva do horizonte;
Em véos de opala a madrugada aponle
Nos céos agredas,*

*E Venus, como uma flor,
Brilhe, a sorrir, do Occaso á porta, (importa?)
Brilhe a porta do Oriente! A treva e a luz — que
Só nos importa o amor!*

*Radie o sol no verão!
Venha o Outono! do Hyverno os frigid vapores
Toltem o céu! das aves e das flores
Venha a estação!*

*Que nos importa o esplendor — [vento?
Da primavera, e o firmamento
Limp, e o sol scintillante, e a neve, e a chuva, e o
— Beijemo-nos, amor!*

*Beijemo-nos! que o mar
Nossos beijos oviada, em pasmo a voz levante!
E cante o sol a ave desperte e cante!*

*Cante o luar,
Cheio de um novo fulgor!
Cante a amplidão! cante a floresta!
E a Natureza toda, em delirante festa!
Cante, cante esse amor!*

*Rasgue-se, á noite, o véo
Das neblinas, e o vento inquirá o monte e o valle:
[ta falle*

*— Quem canta assim? — E uma aurea estrel.
Do alto do céu
Ao mar, presa de pavor:*

*— Que agitação enorme é aquella? —
E o mar adoe á voz, e d'curiosa estrella
Responda que é o amor.*

*E a ave, ao sol da manhã,
Tambem, a aça vibrando, d'estrela que palpita
Responda, ao vel-a deimada e afflicta:*

*— Que beijo, irmã!
Pudesses ver com que ardor
Elles se beijam loucamente! —
E inveje-nos a estrella... e apague o olhar dormente,
Morta, morta do amor!...*

*Diz tua bocca: — Vem! —
— Inda mais! — diz a minha, a soluçar... Exclama
Todo o meu corpo que o teu corpo chama:*

*— Morde tambem! —
Ail morde! que doce é a dor
Que me entra as carnes, e as tortura!
Beija mais! morde mais! que eu morra de ventura,
Morta por teu amor!*

*Quero um beijo sem fim,
Que dure a vida inteira e aplaque o meu desejo!
Ferve-me o sangue: acalma-o com teu beijo!*

*Beija-me assim!
O ouvido fecha ao rumor
Do mundo, e beija-me, querida!
Vive só para mim, só para a minha vida,
Só para o meu amor!*

OLAVO BILAC.



TOMADA D'UM CONVOYO POR UMA DIVISÃO DE CAVALLARIA INDEPENDENTE.

AS NOSSAS GRAVURAS

AS MANOBRAS DO EXERCITO FRANCEZ

Consagramos uma parte do presente numero da Illustração ás grandes manobras do exercito francez realisadas no mez findo, e que tão falladas tem sido na imprensa europeia.

Para não entrar em detalhes technicos d'estas manobras que tiveram lugar no norte da França, detalhes que exigiriam muito espaço e que só seriam apreciados d'um pequeno numero de leitores, — limitamo-nos a fazer alguns commentarios para illucidação dos curiosos desenhos que hoje publicamos.

Na aldeia de Solesmes, situada ao noroeste de Cambrai, achavam-se os carros da companhia dos aerostatos militares do capitão Aaron.

Ali se achavam enfileirados oito grandes carros trazendo cada um oito reservatorios cylindricos de aço, e contendo o gaz hydrogenio necessario para encher o balão.

As experiencias começaram no dia 2 de setembro. Ao commando do capitão Aaron, os reservatorios abriram-se, e o gaz em menos de meia hora encheu o aerostato que é de seda da China e mede 540 metros cubicos.

Quando o balão se ergueu a uma certa altura, a brigada dos aerostatos tratou de ligar a base a barquinha de verga que mede 1250 de cada lado, tendo dentro duas dobradiças onde se sentam dois officiaes encarregados das observações, aparelhos, cartas e um telephone, cujo fio se enrola a um dos dois cabos que servem para amarrar o balão aos carros.

Quando o balão está prompto para subir, o machinista faz andar uma machina a vapor, o cylindro do carro começa a desenrolar o cabo, e o aerostato eleva-se a uma altura de 80 metros, conservando-se sempre a esta altura.

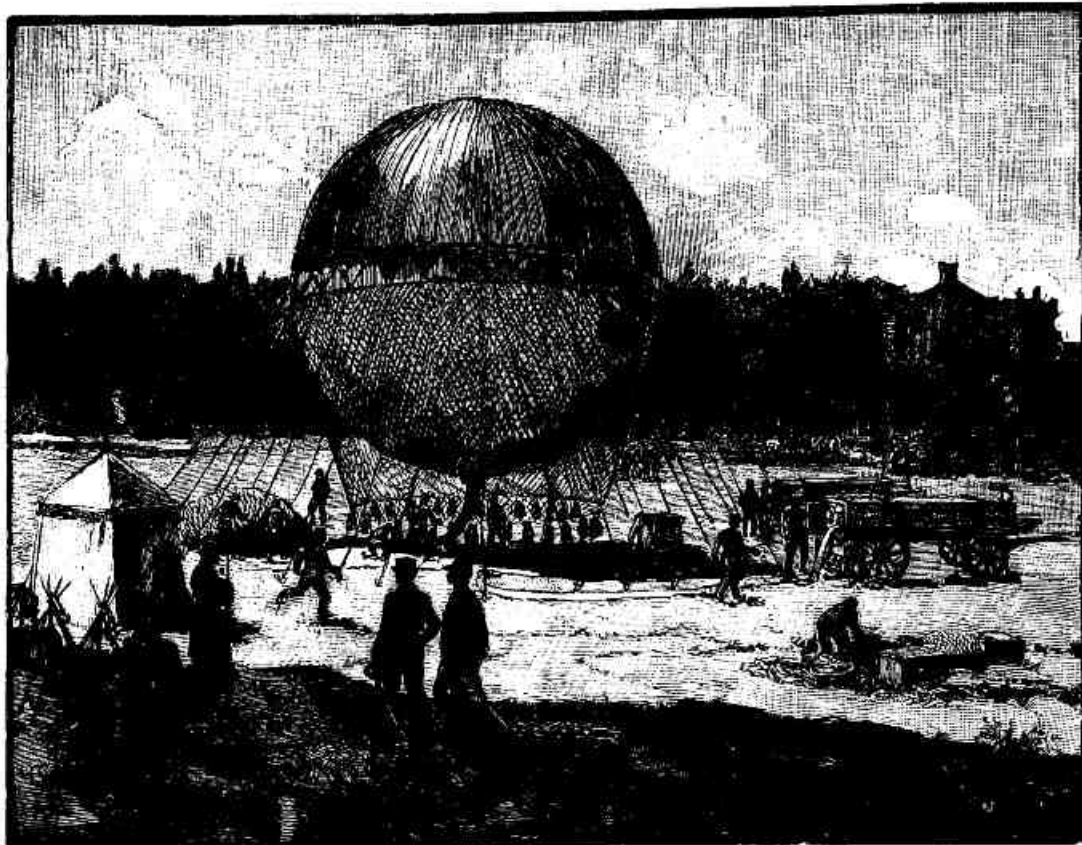
O capitão Aaron grita :

— Ordinario, marche!

E a carruagem, tirada por seis vigorosos cavallos, montados por trez conductores de artilheria, põe-se a caminho, conduzindo o balão para os pontos onde a observação seja mais necessaria.



COMBATE DE SEBONCOURT. — EMPREGO DA POLVORA SEM FUMO.



UM BALÃO CHEIO POR MEIO DAS CARRUAGENS-RESERVATÓRIOS COM HYDROGENIO.



AS GRANDES MANOBRAS DO EXERCITO FRANCEZ. — Os ADDIDOS MILITARES ESTRANHEIROS ASSISTINDO A'S MANOBRAS.

Como vêm os ba-
lões estão occupando
um lugar importante
no exercito francez,
proporcionando estu-
dos estrategicos de
grande alcance.

A gravura da nossa
primeira pagina repre-
senta a companhia dos
acrostatos obrigando
um balão a vencer um
obstaculo. O obstacu-
lo é um fio telegra-
phico impossivel de
cortar. Tentou-se pois
de descer a balão la-
zendo-o passar por
debaixo do fio.

Outra gravura re-
presenta a tomada
d'um combayo de vi-
veres e munições pela
divisão Bonic e de
trez esquadrões de
caçadores 5 a cavallo
que, tendo guérdo de-
fender as duas baterias
a cavallo de artilheria
25, foram envolvidos
pelos drayges e feitos
prisioneiros.

N'esta cagea, os ca-
çadores não tendo pre-
viamente reconhecido
o terreno, chegaram a
uma ribançeira por
onde rolaram quinze
cavallos com os seus
cavalleiros.

No dia 12 de setem-
bro as tropas puzé-
ram-se em marcha pa-
ra irem occupar uma
linha de posição, de
Seboncourt a Aison-
ville.

Ali empenhou-se um
verdadeiro combate
entre o 1.º e 2.º corpos
de que dá ideia a nos-
sa gravura.

A estas manobras
assistiram os addidos
militares dos diferen-
tes países e muitos
officiaes vindos a Fran-
ça expressamente para
esse fim. Portugal



APROPOSITO DO BOULANGISMO. — A sentença puquiza d'Uzés.

achava-se representa-
do pelo seu addido
militar sc. Visconde de
Pernes.

Almeida franceza
notou cuidadosamente
o facto dos officiaes
allemanes haverem ap-
laudido o desfilhar da
cavallaria franceza.

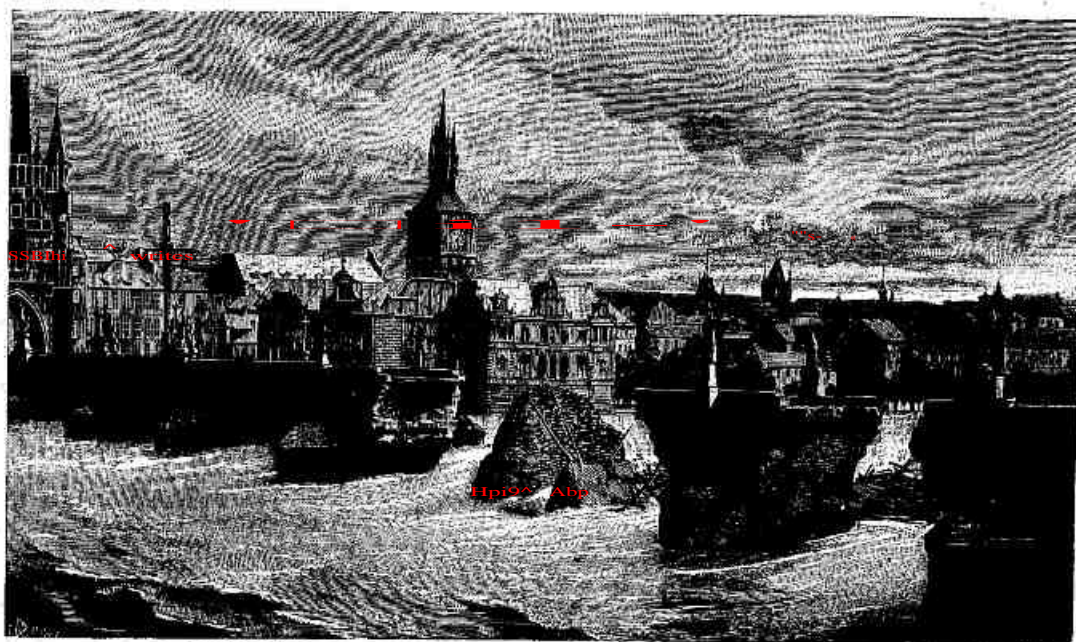
As grandes mano-
bras de 1890 foram
particularmente inte-
resantes pela vastidão
do programma e o
grande numero de ho-
mens que n'elles to-
maram parte. Geral-
mente um só corpo do
exercito effectua as
grandes manobras;
uma das suas briga-
das figurando o inimi-
go: mas este anno
dois corpos inteiros
combateram um con-
tra o outro, nas pito-
rescos paesagens da
Santura e do Oise.

O 1.º corpo, general
Foschtm, o e 2.º cor-
po, general de Coles,
metteram em linha
perço de 180.000 ho-
mens. Foi a primeira vez
que em França se reu-
niam tantos soldados
na mesma região.

Em todo o caso a
França ainda está
abatida da Rússia que
mobilizou este anno
seis corpos de exerci-
to, formando um con-
junato de 180.000 ho-
mens; que manobra-
ram no sul do imperio.

O imperador da Al-
lemanha tentou em-
vão ser convidado pa-
ra estes exercicios;
mas teve que se con-
tentar com os espec-
taculos militares de
poca forma, aos quaes
assistiu em Narva.

Ainda uma outra
gravura representa
um regimento de ca-



AS INUNDAÇÕES EM PRAGA. — As ruínas da famosa ponte de pedra e Karlsbrunn n.

gadores a cavallo que poudo, graças a um nevoeiro, approximar-se d'uma bateria d'artilheria e atacar a vivamente. Os artilheiros defenderam bravamente as suas peças contra a cavallaria ligeira.

As vantagens da polvora sem fumo ainda d'esta vez não mostraram a sua grande utilidade.

E' a invenção da moda. Os especialistas são geralmente partidários da sua adopção, presentando a dificuldade que terá o inimigo em reconhecer o local da artilheria, que só o fumo revelava. Não se deve contar com as detonações, por que o ouvido o mais adestrado não pode determinar exactamente donde vem o ruido d'um tiro de peça, que também pode ser repercutido pelo eco.

Alguns velhos officios preferem a antiga polvora. Dizem que as nuvens de fumo errando pelos campos, permittem occultar ao inimigo os movimentos effectuados para o atacar. O argumento tem seu valor, e tanto assim é, que um coronel inglex acaba de inventar uma polvora especial, dando um fumo excessivo. Os soldados munir-se-iam d'alguns pacotes d'esta composição e, a um signal dado, envolver-se-iam de nuvens espessas para occultar ao inimigo uma enorme porção do terreno.

A SENHORA DUQUEZA D'UZÈS.

Tem-se fallado muito, n'estes ultimos tempos, no nome da sra. duqueza d'Uzès, a proposito da famosa aventura politica que teve por heroe infeliz, o general Boulanger.

Os artigos do *Figaro* intitulos *Les coulisses du boulangisme* vieram mostrar os mysterios da aventura boulangista, que teria triumphado completamente em França se o general Boulanger não tivesse praticado o grande erro de fugir para Bruxellas quando soube que o governo, e especialmente o ministro do interior, sr. Constans, o desejava prender e metter em processo.

Quem deu as maiores sommas para a campanha eleitoral de Boulanger foi a sra. duqueza d'Uzès. O conde de Dillon é que approximou o general da illustre dama do faubourg Saint-Germain. O general prometteu, ou prometteu Dillon, que o boulangismo preparava o terreno para a monarchia em França; e a sra. duqueza d'Uzès desviou da sua fortuna uma somma de trez milhões de francos, ou sejam 540 contos, para as despesas eleitorais do Boulanger, isto em nome da causa monarchica e para bem da campanha orleanista.

A duqueza d'Uzès é considerada como a rainha das amazonas da nobreza franceza.

A duqueza d'Uzès, née Marie-Aldienne-Anne de Mortemart, casou em 1867 com Amable-Antoine-Jacques-Emmanuel de Crussol d'Uzès. Ficou viuva em 1878.

D'este casamento nasceram dois filhos e duas filhas. Uma d'estas *Mlle d'Uzès* casou ha pouco com o duque de Luynes, o amigo e o companheiro do duque d'Orléans.

A casa de Crussol é originaria do Languedoc; primitivamente tinha o nome de Bastet. Geraud de Bastet, primeiro senhor de Crussol, que viveu no anno 1200, é o antepassado d'esta casa.

Pelos fins do seculo XV, Jacques, senhor de Crussol, casou com Simone, filha unica do visconde d'Uzès, a qual lhe trouxe em dote o viscondado d'Uzès.

Como veem a casa de Crussol d'Uzès é das mais nobres e das mais antigas de França. A duqueza d'Uzès, se a monarchia triumphasse, seria a grande dama da rainha de França. Foi o seu amor á monarchia que a levou a gastar 540 contos n'uma aventura politica que cahio no mais triste descrédito. Dir-se-ia que n'esta lucta do boulangismo os partidarios da monarchia queimaram o seu ultimo cartucho!

BELLAS-ARTES. — TRIO CAMPESTRE. — O DOMINGO A BORDO

Para adornar o presente numero da *ILUSTRAÇÃO* escolhemos dois quadrinhos de genero, de assumpto inteiramente diverso um do outro, mas qual d'elles mais sympathico e de mais delicada execução.

O primeiro, *Trin campestre*, que traz a assignatura do sr. Debat-Ponsan, conjunctamente com a do illustre gravador Ch. Bando, é um verdadeiro idyllio, — lindo quadro impregnado de poesia campestre, que se distingue não só pelo sentimento que presidia á composição, como também pelas raras qualidades de execução que possui.

O segundo, *O domingo a bordo*, devido ao pincel do sr. Couturier e gravado pelo nosso collaborador o sr. Dochy, — representa uma scena da vida maritima, com toda a fidelidade e a sincera impres-

são que o artista pode receber contemplando a vida d'um grande navio de guerra.

Os marinheiros do sr. Couturier não são marinheiros de opera-comica! Sente-se que estamos a bordo, e que o artista conhece as suas personagens, as suas attitudes, os seus gestos, as suas physionomias.

Estes dois quadros estamos certos que hão de ser vistos com prazer pelos leitores da *ILUSTRAÇÃO*, tanto mais que ambos trazem a consagração do jury do *Salon* de Paris.

OS MEZES ILUSTRADOS. — OUTUBRO

O nosso collaborador artistico Hubert-Dés continúa hoje a sua magnifica série dos mezes illustrados, mostrando-nos outubro tal qual o sente a sua phantasia de artista do norte. É mais uma pagina impregnada de muita poesia, e feita para causar um grande prazer á vista.

AS INUNDAÇÕES EM PRAGA

Só se houve fallar em cyclones, em tempestades e em inundações no centro e no norte da Europa.

Na Bohemia, na Austria e na Hungria as inundações tem sido terribes. No dia 8 de setembro toda a cidade de Praga esteve debaixo d'agua. 45,000 habitantes foram victimas das cheias. De noite troava o canhão para que os habitantes estivessem alertas, e annunciava-lhes que o perigo augmentava de hora para hora.

O arco do meio da famosa ponte de pedra *Karlbrücke* foi arrancado e levado com a violencia das aguas.

Esta ponte, um dos monumentos mais curiosos da Austria, compõe-se de dezesseis arcos e atravessa o rio sobre uma largura de cerca de quinhentos metros. Foi construida por ordem do imperador Carlos IV, rei da Bohemia. Trinta estatuas de santos, collocadas sobre capellinhas que lhes servem de pedestaes, erguem-se em cada pilar. Vê-se ali a estatua de São João Nepomuceno e uma placa de marmore no lugar donde foi precipitado no Moldau, em 16 de maio de 1385.

João Nepomuceno nasceu em 1330. Desde a infancia que se distinguia pela sua piedade e virtudes. Tendo abraçado o sacerdotio, foi chamado para a corte pelo imperador Wenceslau, sendo escolhido confessor da imperatriz. Esta princeza tendo sido calunniada, Wenceslau resolveu esclarecer horribes suspeitas, e exigiu que Nepomuceno lhe revelasse a confissão da soberana.

Perante a recusa formal do digno padre, o imperador ordenou o supplicio.

A nossa gravura representa a famosa ponte de Praga, em seguida ás inundações do mez findo.



HISTORIA IMMORAL

PREFACIO DO AUCTOR.

TODO o homem tem momentos de fraqueza.

Li ha alguns annos um romance no qual os sete peccados capitais triumphavam em toda a linha; a obra fez furor e as edições succederam-se. Senti em mim qualquer coisa de parecido com a inveja e disse commigo: « Pois tambem eu escreverei uma obra immoral, e terei um successo. »

Depois de ter procurado, depois de ter esquadrinhado bem tudo o que de mais sujo havia em mim, encontrei a historia que se segue.

Se ella não for ainda bastante immoral, que o leitor me desculpe; para a outra vez será peor.

H. de B.

— Vamos, conte-me a sua vida, sr. Luciano! dizia Herminia; quero conhecer a sua existencia hora por hora. Que fez esta manhã

até ao almoço? e depois? e á noite? e sempre?

— Pensei em si, Herminia; na sua belleza, na sua graça, nos seus cabellos d'ouro, na sua cintura delicada, nos seus olhos meigos e brilhantes, minha bella noiva!

— Não se trata dos meus olhos, nem da minha cintura, nem dos meus cabellos; é muito poetico, sr. Luciano, muito artistico... muito pintor. Pergunto-lhe apenas muito burguezmente o que almoçou hoje; bem vê que sou prosaica!

— Eu sei! minha bella Herminia! Reparo lá para isso! Almocei no restaurante do costume e não reparei para o que me serviram.

— E' muito indifferente para comigo mesmo, meu amigo; felizmente para a sua saúde, eu não serei assim; e logo que estivermos casados...

— Faltam apenas oito dias, disse o mancebo, mas parece-me que faltam oito annos!

— Sente isso pelo seu estomago, não é verdade? disse Herminia rindo.

Luciano aproveitou essa occasião para tocar, com a ponta dos dedos, nos dedos brancos e afilados da sua noiva.

Herminia era uma rapariga esbelta, flexivel, elegante e simples; tinha a fronte larga e esclariada por dois olhos cheios d'um encanto suave, que davam á sua cabeça activa um aspecto leonino.

Luciano tinha uma physionomia franca e aberta; alto e forte, os seus movimentos trahiam, contudo, uma nobreza notavel, que não era desmentida pelo seu sorriso constantemente terno e pela sua voz um pouco monotonica.

Luciano Garnier partira muito novo para a escola franceza em Roma, e voltara poucos annos depois com o talento desenvolvido e com o caracter um pouco amolecido pelo costumes italianos.

Ao voltar da Italia fóra viver para casa d'uma prima, a senhora Delville; dois ou trez mezes depois, esta senhora apresentou a Luciano sua filha unica, Herminia, que sahia do convento em que fóra educada. Luciano ficou maravilhado, a primeira vista, com a belleza de sua prima, e começou desde logo a amal-a com esse amor d'artista, amor nobre, isento, sem duvida, de todos os calculos vis, mas não bastante serio para ser d'alli para o futuro o unico pensamento d'um homem, ou, por alguma fórma, o sello eterno d'um destino.

Luciano pediu Herminia em casamento.

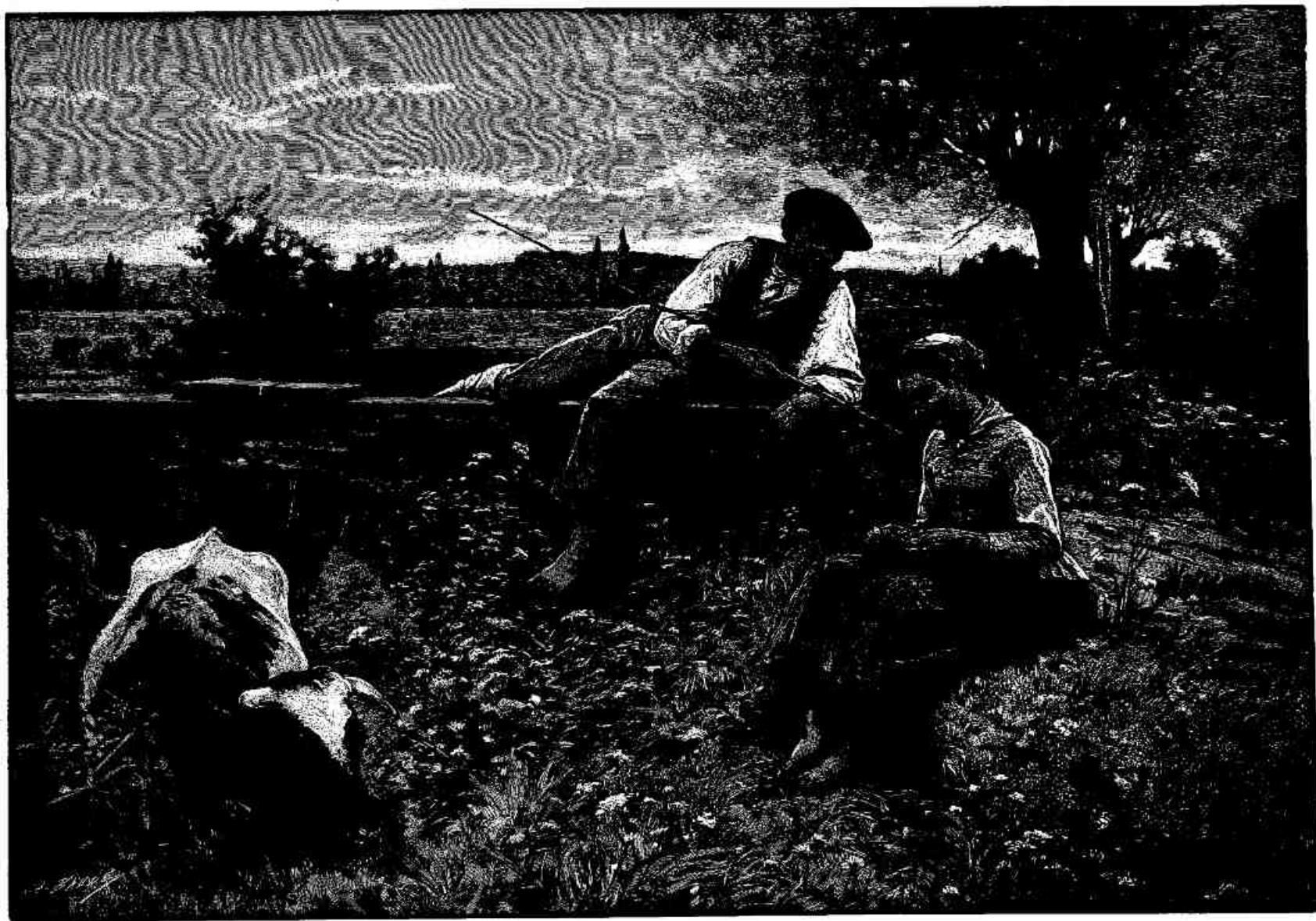
A senhora Delville accellou a proposição do artista, deixando, contudo, a Herminia a liberdade da escolha; ella queria que mediasse um grande espaço de tempo entre o dia do pedido e o dia do casamento, a fim de que os dois jovens podessem conhecer-se bem e ver claro nos seus proprios corações.

Herminia, ainda que muito nova, tinha no espirito uma tal faculdade de intuição, um fardo, por assim dizer, que conheceu n'um instante o caracter de seu primo. Ella comprehendeu que Luciano a amava principalmente pela sua belleza, e esta comprehensão feriu-a no mais delicado da sua alma. Depois, convivendo mais com seu primo, sentiu nascer por elle, no coração, essa doce afeição, essa santa ternura que só almas nobres sentem pelo que é bello e fraco.

As mulheres — e é isto a sua gloria humilde e sagrada — tem muitas vezes d'esses movimentos, d'essas evoluções de pensamento que fazem d'ellas o ser superior e sublime, de que o homem raramente conhece a grandeza occulta, apesar de estar subjugado pelo seu poder.

Passou-se, pois, no coração de Herminia um d'esses dramas soberbos, que ainda não encontraram o seu Shakespeare, um drama cheio de sentimentos contradiatorios, de peripécias tão commovedoras como as quedas dos reis; uma scena tanto mais tumultuosa, quanto era acanhado o espaço em que se representava: um mundo no coração d'uma criança!

* Se uma outra mulher, pensou Herminia,



BELLAS-ARTES. — TRIO CAMPESTRE. — Quadro de Ponsan. Gravura de Ch. Baude.



AS GRANDES MANOBRAS DO EXERCITO FRANCEZ. — Ataque d'uma bateria por caçadores a cavallo.

for amada por Luciano, unicamente pela sua belleza, elle deixar-se-ha irreflexivamente atrahir por ella; não examinará nem o caracter, nem os sentimentos, nem a intelligencia do seu idolo, e cahirá, talvez, sob o jugo d'uma mulher sem coração nem espirito. Se tal succeder, estará perdido; se, porém, ao contrario, elle encontrar uma alma devotada que lhe dê todos os seus pensamentos e lhe sacrifique completamente a sua existencia, essa mulher soffrerá na luta contra a inconstancia de Luciano, mas salvará-a. — Pois bem, eu o salvarei! »

Devemos ajuntar, ainda que isso tire alguma gloria á nossa heroína, e para a reduzir a proporções mais humanas, que Luciano tinha o caracter alegre, o espirito fino, e, enfim, visto que estamos decididos a diminuir o merito de Herminia, uma alma nobre e intelligente.

Assim, pois, a prova julgada necessaria pela senhora Delville, não fez mais do que fortificar no coração de Herminia a resolução piedosa que tomara e a dedicação occulta, tanto mais nobre quanto reflectida fora.

II

O tempo de prova imposta aos dois jovens terminou enfim. Herminia e Luciano casaram, mas, como verdadeiros poetas que eram, um pelo pensamento e a outra pelo coração, quizeram casar-se longe de Paris, longe de olhares curiosos e escarnecedores. A senhora Delville tinha um velho tio, prior d'uma freguezia em Bourgoigne, villa edificada ao acaso entre uma floresta, uma montanha e um rio. O bom padre cedeu aos noivos, depois de lhes ter dado, em nome do Deus do amor, a benção nupcial, a sua modesta casa, o seu verdejante jardim, os seus pombos, que voavam das janellas para a torre da igreja, e sobretudo a doce paz da sua alma, que se espalhava por tudo que o rodeava: paisagem e corações.

Durante o mez que passaram na villa, os dois jovens apenas pensaram em amar-se, juntando as vozes da natureza, aos cantos das aves, aos murmurios do vento agitando os salgueiros, aos deslocamentos da terra aberta pelos arados sob os raios dourados da aurora, a casta harmonia dos seus pensamentos, a divina musica das suas almas absorvas nas primeiras alegrias gosadas.

E, contudo, era necessario partir, voltar á vida real, ás occupações pouco ideaes, ao trabalho, a Paris, enfim!

Paris! a cidade dos que lutam, dos que procuram, dos que esperam, dos que se lamentam, mas não a cidade dos que se amam!

Quando se volta do campo, guardando ainda no peito e na memoria o perfume das vastas planicies e o odor das giestas, e se sentem repentinamente as feridas emanadas das ruas da grande cidade, apossa-se de nós um mau estar inexprimivel; olhamos-nos com uma involuntaria tristeza, e dizemos, por mais esforços que façamos para nos fingirmos satisfeitos: « Sere-mos aqui tão felizes como fomos lá? »

Foi por isso que Herminia entrou triste em Paris com Luciano, e interrogava com uma especie de angustia os olhares de seu marido, ainda mais pensativo do que ella.

III

Luciano achou, nas proximidades da rua de Vaugirard, uma encantadora casa, com pátio e jardim, que felizmente, se parecia pouco com essas construcções modernas, deante das quaes os parias se extasiavam, e cujos inquilinos pagam em elegancia o que lhes falta em ar, em espaço e em luz. O novo casal instalou-se n'essa casa, reservando um pavilhão para se entregar ás suas mutuas caricias; o atelier de Luciano era n'uma parte independente da casa, para que Herminia não estivesse em contacto com as pessoas, muitas vezes duvidosas, que frequentam os ateliers dos artistas.

Esta nova existencia, esta dupla vida de trabalho e afeição, foi também, apesar de tudo, muito agradável a Luciano e a Herminia.

Nas horas em que nenhum indiscreto interrompia o recolhimento do artista, e quando elle corria pela tela os seus pinceis inspirados, Herminia chegava, graciosa e ligeira, e assentava-se ao lado do cavalleto, seguindo com o olhar attento e sorridente o progresso do trabalho de seu marido; e elle, encantado com a presença de sua mulher, abandonava por vezes a sua obra para a contemplar com uma admiração muda; dir-se-hia que a vista d'aquella encantadora creatura lhe dava inspiração e forças novas.

Oh! como é bello viver a sós, fóra do bullicio do mundo, e dizer: « Como elles são loucos! » E' bello, é... mas uma tal vida não pôde durar, porque o mundo é como todos os abysmos: pavoroso, terrivel, vertiginoso, sombrio, e é por isso que elle atrai!

Como é porque é que se entra em tal turbilhão? Não se sabe, mas a verdade é que se entra; um amigo que se encontra, um acaso de visinhança, um accidente, um protector que se necessita ver, um obsequio a prestar, e mil outras pequeninas coisas, enfim; a onda arrastando-nos insensivelmente primeiro, e arremetendo-nos depois para a espantosa voragem em que desaparecem milhares de vidas sem macula!

IV

O nome de Luciano começava a ser conhecido. Os seus quadros eram procurados pelos amadores, e até os proprios negociantes o tratavam com uma polidez sempre crescente. Luciano e Herminia não ficaram, pois, admirados de ver entrar um dia no atelier um homem de meia idade, fallando o francez com um ligeiro acento germanico, e que se annunciou com o titulo de principe Paulo de P...

O principe dava o braço a uma senhora ainda nova.

Herminia, vendo a companheira do principe, estremeceu e corou, apesar dos esforços que fez para se dominar. Que razão haveria para aquelle sobresalto injustificado?

— Senhor Garnier, disse o principe, eu vi em casa da senhora condessa de Galigai, que quiz, de resto, fazer-me a honra de acompanhar-me...

A condessa inclinou-se sorrindo.

— Eu vi, continuou o principe, um quadro encantador assignado pelo seu nome, e isto fez com que sentisse o mais vivo desejo de possuir uma obra sua. Desejo apenas que o quadro que quero encomendar-lhe figure na exposição de Bellas-Artes do anno proximo, e que tenha por assumpto o *Genio do Bem* e o *Genio do Mal*; é uma idéa um pouco... allemã, talvez, mas eu para alguma coisa hei de ser allemão. No preço do quadro não fallores; eu não sou negociante e não quero mesmo saber quanto hei de gastar; n'esse ponto o meu intendente cumprirá as suas ordens.

Luciano inclinou-se, agradecendo.

— Está então combinado, acrescentou o principe, dentro d'um anno terei o meu quadro.

E estendeu a mão ao artista, com essa lbanzeza cheia de cortezia, de que os nobres d'out'ora tinham o segredo, a pouco e pouco perdido, e que tão bem se tem escondido nos cofres-fortes que só por um acaso poderá sahir d'elles.

O principe ia a sahir do atelier quando a condessa Galigai abandonou o braço do seu companheiro e avançou resolutamente para Luciano. Era uma mulher alta, morena, pallida, meiga e altiva ao mesmo tempo; a fronte proeminente era como que coroada por um enlaçamento de cabellos negros, espessos, um pouco incultos mesmo; os olhos pretos tinham uma incomparavel expressão de meiguice e ao mesmo tempo, uma vivacidade pouco vulgar. Um vestido de velludo de côr viva moldava-lhe o busto de formas vigorosas, nervos d'aço, musculões fortes, indicando uma agilidade e uma força de panthera.

— Senhor Garnier, disse ella com voz breve,

sacudida, metallica, e, entretanto, unctuosa, senhor Garnier, acha-me formosa?

A esta pergunta imprevisita Luciano balbuciou uma resposta um pouco embaraçada, da qual se destacou a palavra « admiravelmente. »

— Mas, repetiu a condessa, acha-me bella como homem ou como pintor?

— Como homem e como pintor!

— Como pintor... sobretudo?

— Pois bem... é verdade, sobretudo como pintor.

— Então tanto melhor! disse alegremente a condessa de Galigai; far-me-ha o retrato; um pintor que acha bello o seu modelo faz sempre uma bella obra. Fará, pois, o meu retrato... se isso lhe não desagradar. A principiar d'amanhã teremos todos os dias uma sessão em minha casa, rua de S. Florentino, 10. Chamo-me a condessa de Galigai, como o principe Paulo lhe disse, mas tanto os meus inimigos como os meus amigos chamam-me a condessa *Nenhuma parte*. Depois, sem duvida, lhe explicarão isso. Adeus, senhor Garnier. Venha, principe.

V

No dia seguinte Luciano disse a sua mulher que ia a casa da condessa.

— Vae, meu amigo, respondeu Herminia; quanto mais cedo começares tanto mais depressa acabarás esse retrato.

E não disse mais uma palavra, não fez a menor observação, nem uma unica recommendação; sorriu a Luciano com o seu melhor sorriso; dir-se-hia querer envolvê-lo n'uma egide invisivel no olhar casto e terno que lhe lançou.

Luciano chegou a casa da condessa e foi introduzido n'um gabinete cheio dos riquissimos *nadas* d'um luxo sumptuoso.

Que o leitor não supponha que vamos escrever, como milhares d'outras, a historia d'uma d'essas ligações adulteras cuja narração é por si só um perigo.

Felizmente nem todos os homens resvalam depressa pelo declive dos amores banaes; a queda não é sempre tão rapida como se pensa; nós queremos apenas, d'esta vez, indicar aos requestadores um dos menores perigos que os esperam, fóra dos trilhos da honestidade severa, do trabalho obstinado, da dedicação e da lucra paciente e gloriosa.

A condessa de Galigai era uma d'essas mulheres que pertencem a uma classe particular, vamos até dizer nova; não havia na sua vida a menor desordem vergonhosa, — não havia ordem, eis tudo; tivera um marido, verdadeiro marido e verdadeiro conde italiano, que, contudo, nenhum dos amigos da condessa conhecera. Quando lhe perguntavam, nos primeiros tempos da sua estada em França, « Onde está seu marido? » ella respondia na sua quasi completa ignorancia da lingua: « Meu marido... está em qualquer parte. » Desde então chamaram a condessa de Galigai a condessa *Qualquer parte*. Um bello dia o marido morreu, e, ao que parece, ella não sentiu muito a sua morte, porque a primeira vez que lhe perguntaram, depois do fallecimento: « Onde está seu marido? » ella ia responder: « Está em qualquer parte » mas interrompeu-se logo e acrescentou: « Não está em nenhuma parte. »

Depois d'isso passaram a chamar-lhe a condessa *Nenhuma parte*.

De resto, era a mais honesta doida que se pode imaginar. Detestava a convivencia com as mulheres, das quaes fugia com obstinação; mas os homens que a rodeavam sabiam bem que todas as cadeias lhe eram odiosas e insuportaveis; sobre esse ponto a condessa tinha opiniões bem assentes. Havia um verdadeiro contraste entre a impudencia dos seus habitos, a liberdade da sua linguagem e a pureza dos seus costumes; reunira em volta d'ella uma multidão de homens distinctos, — artistas, poetas, diplomatas, politicos, — que eram seus amigos, seus camaradas, mas, como ella dizia: « Nada mais! »

Em sua casa portava-se por tal forma com toda esta brilhante pleiade, que as pessoas não iniciadas nos seus costumes austeros teriam classificado severamente, talvez, o seu procedimento.

VI

Foi nesta sociedade que Luciano entrou. Com a mobilidade do seu espirito, com a necessidade de impressões novas que sentia em si, Luciano deixou-se arrebatar bem depressa pelo turbilhão da vida ruidosa em que a condessa o introduzira; corridas, passeios, viagens, ceias, espectáculos, concertos, todos os divertimentos de uma vida faustosa Luciano frequentou; foi uma existência violenta, uma verigem, uma febre de prazer, o esquecimento completo de trabalho e do dever, a incoherência em tudo, a desordem moral, enfim.

O pintor não entrou durante muitos mezes no seu atelier; chegava à noite à casa, pallido, cansado, e explicava a sua ausência a Herminia com razões que inventava na occasião.

Herminia escutava gravemente seu marido, sem se lamentar, com um sorriso maternal, algumas vezes doloroso, mas sempre indulgente.

Uma noite, esse sorriso teve qualquer coisa de alegre, mas Luciano não reparou.

VII

Este genero de vida durou cinco ou seis mezes.

Um dia a condessa teve uma idéa.

— Escuta, meu caro amigo, disse ella a Luciano, escuta...

Abramos um parentesis para prevenir o leitor de que a condessa tratava por tu todos os seus amigos, e queria que elles lhe dêssem igual tratamento.

— Escuta, disse ella a Luciano, tive uma idéa. Eu apenas sei rir, cantar e montar a cavallo, o que quer dizer que o meu futuro não é desasombrado. Posso ter necessidade de trabalhar para viver; quero, pois, aprender qualquer coisa, uma arte, seja o que for! A pintura, por exemp'o... Bem vêes que a idéa é boa! Tu serás o meu mestre; iremos todos os dias ao teu atelier. Está decidido, são apenas duas horas; partamos para o teu atelier.

E a formosa italiana bateu os pés com impaciência.

— Vamos, meu amigo, partamos!

— Como quizeres, respondeu o pintor, costumeado aos caprichos subitos da sua compunheira.

E partiram.

O atelier estava deserto; de resto, nada mudou; as estatuas, os modelos em gesso, as armas, os cachimbos turcos, tudo estava no seu lugar; a grande cortina verde devida ainda o atelier em duas partes eguaes; uma destinada à conversação, e a outra ao trabalho. Podia dizer-se, pois, que n'uma só casa havia um atelier e um salão. Foi n'este salão que Luciano e a condessa entraram, sentando-se n'um divan.

VIII

— Ah! meu caro amigo, eis aqui o lugar em que te vi pela primeira vez, disse a condessa, declarando um pouco; quem me dizia então!...

— Louca!

— Como estás sombrio, *meu caro*! O que tens hoje?

— Nada.

— Não!... tu tens alguma coisa... Chegaste para ao pé de mim, e conta-me as tuas penas.

— Affianço-te que não tenho nada. Comece-me a lição de pintura.

— D'aqui a um instante. O teu atelier fez-me pensar n'uma coisa... Quem era uma mulher loura que estava aqui quando eu cá vim com o principe Paulo, na véspera da sua partida para Berlim? Era bem gentil, se não me engano.

— Era minha mulher.

— O quê! pois tu és casado, *povero*! Mas o casamento aniquilla o genio, não é verdade?

Luciano não respondeu e franziu ligeiramente as sobrancelhas.

— O que te dizia eu? Começa a enrugar-se-te a fronte! Que qualidade de mulher é a tua esposa, meu amigo? Uma Cendrillon, uma fada burgoesa, uma alma sem ideal, um espirito sem iniciativa?

Luciano teve a fraqueza de não protestar contra a inconveniência d'estas palavras; de resto, a sua attenção estava voltada para um outro objecto; sobre um cavalete estava o esboço, feito por elle, do quadro que lhe encomendara o principe Paulo, quadro que Luciano, na vida agitada, que levava, esquecera completamente.

— Ah! meu Deus! disse elle; e queci-me do quadro, e era até amanhã, o mais tardar, que o devia apresentar ao jury!

— Apresenta-o-las para o anno que vem.

— Mas, a minha promessa ao principe...

— Renova-las.

— Mas, enfim, o preço do quadro...

— Oh! disse a italiana, eis-te digno de tua mulher!

— Vê-se bem, condessa que tens trezentos mil francos de renda; eu, porém, não os tenho e necessito fazer o quadro.

— Já está feito, meu amigo, disse a voz de Herminia.

E levantou a cortina que separava o salão do atelier, indicando com a outra mão um quadro collocado sobre um cavalete.

— E' isso mesmo, disse Luciano estupefacto; o genio do Bem e o genio do Mal! e está correcto, revela talento... Quem fez este quadro?

— Fui eu, meu amigo.

— Tu sabes pintar, Herminia?

— Aprendi alguma coisa no convento, e depois, como te vi trabalhar tantas vezes!... Mas chorei bastante, porque te parti muitos pinceis... Perdoas-me?

— E's um anjo!

A condessa interrompeu os dois esposos, dizendo:

— Admirável! Mas este quadro... Reconheço-me n'elle... O genio do Bem e o genio do Mal representados allegoricamente por duas mulheres, comparecendo ante os seus juizes... Genero idade media! O genio do Mal sou eu; o genio do Bem é esta senhora... Oh! isto é demais!

— Herminia, perdoa-me? dizia entretanto, Luciano, cobrindo as mãos de sua mulher de beijos e de lagrimas.

— Oh! disse a italiana, com voz estridente, egloga! burocal!

E dirigiu-se para a porta. Antes, porém, de a transpôr disse a Herminia:

— Senhora Garnier, se tratei seu marido por tu, é porque costumei tratar assim todos os meus amigos.

— B m sei, senhora condesa, mas parece-me que esse costume é de mau gosto.

A condessa levantou altivamente a cabeça, mas reflectiu no mesmo instante, e disse a Herminia:

— Não fallemos mais em tal. Adeus, sr. Garnier.

E sahiu.

— Herminia! balbuciou Luciano, feliz e confuso, podes perdoar-me, porque sempre te amarei!

— Como d'antes?

— Mais ainda, porque d'antes eu apenas amava a tua belleza, e agora amo a tua alma!

HENRIQUE DE BORNIER.



ATRAVEZ O INFINITO

APONTAE-ME, no ceu esplendido d'esta noite pura e calma, um ponto qualquer em que a vista não descubra a menor estrella; onde o negro avelludado do espaço não seja picado de alguma palpação luminosa; onde uma claridade, um atomo d'essa poeira diamantina que a mão do Semeador dos mundos parece ter lançado sobre a abobada do firmamento, não revele a presença d'um rudimento de astro, d'um embrião de sol.

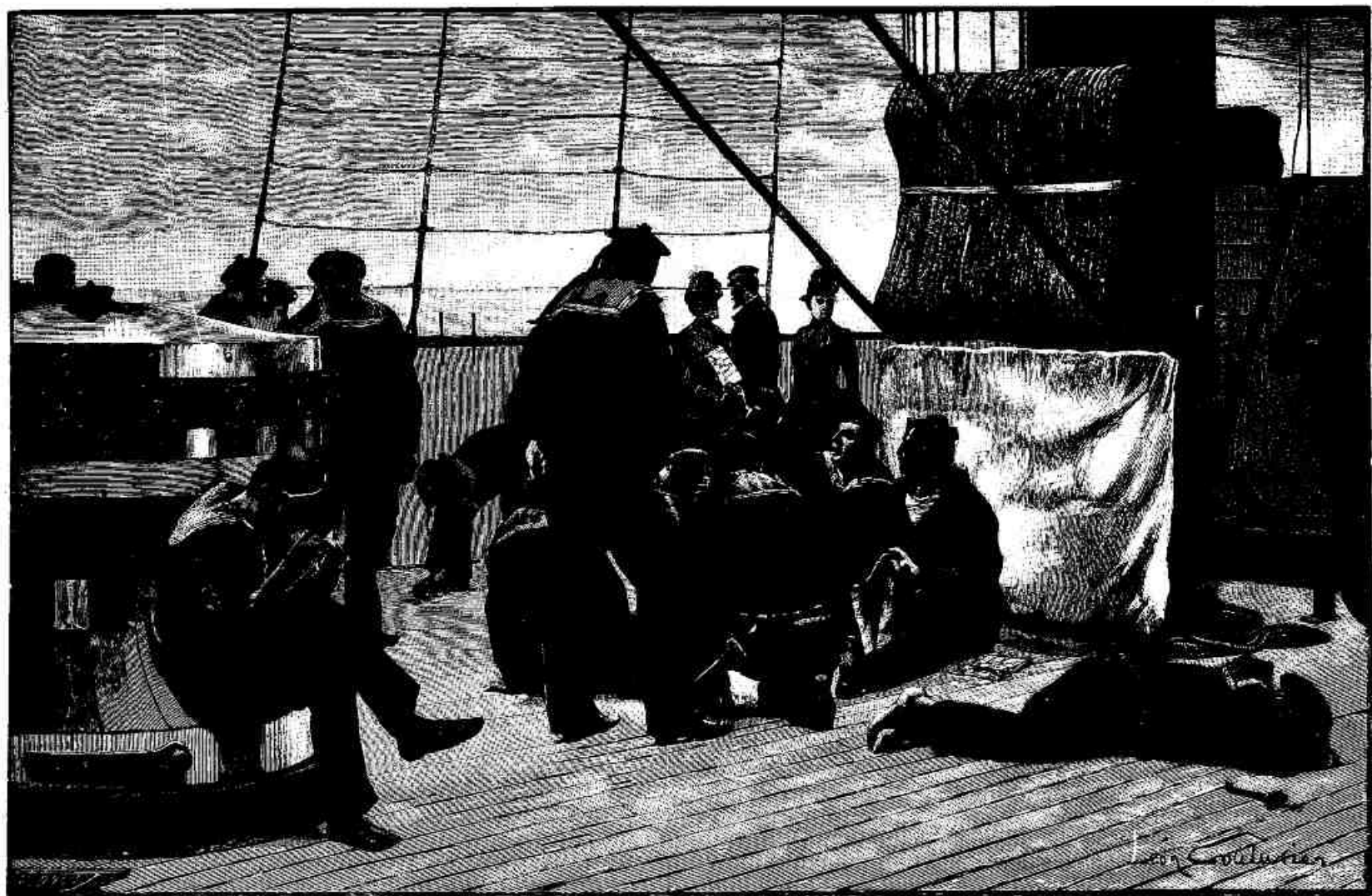
Fixemos bem o conjuncto d'esta nesga da immensidade, cujo contorno uma das vossas mãos circumscreve os limites; isolenmo-nos idealmente por essa encruzilhada sombria, e, após o testemunho dos nossos olhos, supponhamo-lo, verdadeiramente vacuo e deserto, em quanto que em torno d'elle brilham as constellações, os planetas, as estrellas fixas, as nebulosas, a via-lactea, todo o radioso *ensemble* do universo sideral.

Assistemose entretanto sobre esse ponto a luneta astronomica de alcance medio. Subitamente, o campo do telescópio povoa-se de scintellas; n'esse pedaço do ceu, onde os olhos momentos antes nada apercebião, accendem-se centenas de estrellas; umas, desmaiadas e incoloras; outras, animadas de fogos vermelhos, azulados, botões de ouro, verde víçoso; é um deslumbramento, a magia. A impressão é tal, que desviaes o olhar do objectivo que faz esse milagre, e a olho nu d'essa vez, tentaes penetrar a profunda treva d'esse caninhão do ceu. Nada! não ha nada. Concentraes no raio visual toda a pujança da penetração de que é capaz; sob o esforço da vontade, a vossa retina sente de certo modo decuplar o poder; mas é em vão. O veu não se rasga. E quando, duvidando ainda da realidade entrevista, voltaes ao telescópio, um novo celeste se abriu perante vossos olhos asombrados, e lá apparecem ainda legiões de estrellas e pleiades de sóes; e este maravilhoso panorama desenrola-se sem tregua, lento, magestoso, incommensuravel, infinito!

Contudo, tem-se tentado fixar o numero d'essas scintellas, d'esses pontos luminosos que são outros tantos mundos, cuja luz gasta seculos até chegar à terra, e cada um dos quaes é sem duvida, como o nosso sol, o centro d'um systema. Estatisticas celestes tem sido elaboradas, e por muito imperfeitos que sejam os actuaes instrumentos, chega-se já a contar mais de cem milhões de estrellas.

Ao acaso, tomemos d'essas myriades de universos, invisiveis sem o auxilio do telescópio, dois astros que pareçam gêmeos, pois que a distancia que os separa é inapreciavel para nossos sentidos. Parece que a espessura d'um cabello mal poderia accommodar-se n'esse intervallo, entre esses dois longiquos hospedes de immensidade. Pois bem: milhares e milhares de milhões de leguas decorrem entre um e outro. No seio do abysmo que, aparentemente, um centesimo de millimetro parece acolher, fluctuam, rolam, resplandecem mundos que nenhum telescópio jamais mostrará, e que talvez permanecerão eternamente desconhecidos, ignorados um para o outro! Mais além, o que há? Essas innumeraveis creações marcam os confins do espaço? Existe um limite em que param essas sublimas prodigalidades? Póde o espirito humano conceber, nos seus portentosos arrojões, nos seus prodigiosos arrebatamentos,

TSARINE PO DE AROZ RUSSO
Adherente, Sucreado, Inteiro
PREPARADO POR VIORET
28, Boulevard des Capucines, PARIS



BELLAS-ARTES. — O domingo a bordo. — Quadro de Couturier.



OS MESES ILUSTRADOS. — Outubro.

Composição de HENRI DYS.

uma região onde tudo acaba, onde a mão de Jehovah, cansada de produzir, descançasse em fim; onde o nada seja senhor absoluto?

Um vulgarizador embaixo resolve estes problemas.

No seu admirável livro, *Astronomia popular*, Camillo Flammarion imagina um viajante eterno que, partindo da Terra, se eleva sempre, em linha recta, com a celeridade espantosa da luz, isto é, 73.000 leguas por segundo; o percorre todas as estações do desconhecido.

Acompañamul-o:

« Estamos sobre a terra, globo fluctuante, rolando, em turbilhão, joguete de mais de dez movimentos incessantes e variados; mas somos tão pequeninos sobre esse globo e estamos tão afastados do resto do mundo, que tudo nos parece immovel e inmutavel.

« Entretanto, a noite desenrola seus veus, o lume das estrellas irrompe do fundo dos ceus, a estrella crepuscular resplandece no occidente, a lua derrama na atmosphera o seu luminoso orvalho argenteiro. Partamos! Contemos com a ligeireza vivacissima da luz! Momentos depois, passamos á vista do mundo lunar, que rasga perante nós as crateras escancaradas e desenhada a meada dos seus alpicos e selvagens vales. Não paremos. O sol reaparece, e permite-nos lançar um derradeiro olhar á Terra illuminada, pequeno globo inclinado que cae, diminuindo sempre, na noite infinita.

« Vemos approxima-se, terra nova, igual á nossa, povoada de seres em movimento rapido e apaixonado. Não paremos ainda. Passamos a soar proximos do sol para reconhecer as suas formidaveis explosões; mas continuamos o vôo. Aqui temos Marte, com os seus mediterraneos de orlas caprichosas, golphos, margens p' antasticas, enormes rios, nações, cidades espantosas, populações bizarras, activas e apossuradas.

« Tempo urge; nada de descanço. Abcirmos d'um colosso enorme: Jupiter. Mil terras são inferiores á sua grandezza. Que rapidez nos seus dias! que tumultos á sua superficie! que tempestades, que vulcões, que cyclones na sua immensa atmosphera, que estranhos animaes nas suas aguas! A humanidade ainda ali não apparece. Voamos, voamos sempre. Este mundo tão rapido como Jupiter, corôado de estranha aureola, é o phantastico planeta Saturno, em volta do qual correm oito globos de variadas phases; phantasticos nos parecem tambem os seres que o habiteam. Sigamos a nossa celeste ascensão. Urano, Neptuno, são os ultimos mundos conhecidos que encontramos na passagem. Mas voamos, voamos sempre!

« Pallido, desgastado, lento, fatigado, desliza perante nós um cometa perdido na noite da sua ophelia; mas distinguimos ainda o sol como immensa estrella brilhando no meio da população do ceu. Com a celeridade constante de 73.000 leguas por segundo, quatro horas foram suficientes para nos transportar á distancia de Neptuno; mas ha já muitos dias que voamos atravez as ophelias cometaarias, e durante muitas semanas, muitos mezes, continuamos a atravessar as solidões que cercam a familia solar, encontrando apenas cometas que viajam d'um para outro systema, estrellas cadentes, inextinguíveis, fragmentos de mundos em ruínas expungidos e riscados do livro da vida. Voamos, voamos ainda, — durante tres annos e seis mezes! antes de alcançar o sol mais proximo, fornhalha de espantosa grandezza, duplo sol, gravitando cadentemente e espalhando em torno d'elle, no espaço, luz e calor mais intensos que o nosso proprio sol. Mas, não paremos ainda...

« Continuemos durante dez, vinte, cem, mil annos esta mesma viagem, com a mesma velocidade de 73.000 leguas por cada segundo. Sim! durante mil annos, sem tregua nem descanço, atravessamos, examinamos de passagem esses multiplos systemas, esses novos soes de todas as grandezas, focos fecundos a passantes, astros cuja luz se accende e extingue, essas innume-

raveis familias de planetas, variadas, multiplicas, longinquas terras povoadas de seres não conhecidos, de todas as formas e naturezas, esses satellites multicolores, e todas essas inesperadas paisagens celestes; observemos essas nações sideraes, saudemos os seus trabalhos, as suas obras, a sua historia; adivinhemos seus costumes, paixões e ideias. mas não paremos!

« Eis ainda outros mil annos que se succedem para continuar a viagem em linha recta; acclimemol-os, occupemol-os, atravessamos todas essas aglomerações de soes, de universos longinquos, de nebulosas que flamejam, a via-lactea que se dilatera em fragmentos, todos esses formidaveis gegeses atravez da immensidade sempre hiante; não nos surpreendamos se os soes que se approximam ou as estrellas longinquas choram em nossa passagem lagrimas de fogo, caído no eterno abysmo; assistamos ao ruimento dos globos, á ruína das terras caducas, ao nascimento de novos mundos; sigamos a queda dos systemas para as constellações que os chamam; mas não paremos!

« Ainda mil annos, ainda dez mil annos, ainda cem mil annos neste vôo, sem fraquejar, sem vertigem, sempre em linha recta, sempre com a mesma velocidade de 73.000 leguas por segundo! Imaginemos que voamos assim durante um milhão de annos... Teriamos chegado aos confins do universo visivel?

« Eis negras immensidades que é forçoso transpor... Mas lá em baixo novas estrellas se accendem no fundo dos ceus...

« Precipitemos para ellas; alcancemol-as. Novo milhão de annos, novas revelações, novos splendores estrelados, novos universos, novos mundos, novas terras, novas humanidades!... Pois que! não tem fim? não ha horizonte fechado? não ha aboboda? não ha ceu que nos feche o caminho? Sempre o espaço! sempre o vacuo! onde estamos, então?... que caminho temos percorrido?... Estamos no vestibulo do infinito!... não avançamos um unico passo! estamos sempre no mesmo ponto! O ceuro em toda a parte, a circumferencia em parte alguma!... Sim, eis aberto em frente de nós o infinito, cujo estudo ainda não começou... Nada temos visto, e não obstante recuamos assumbrados, calmos aniquillados, incapazes de proseguir n'essa carreira inutil!... Ah! podemos cair, cair em linha recta no abysmo escancarado, cair sempre, durante toda a eternidade; já mais, já mais atingirmos o fundo, tanto como nunca topamos com o alto; que digos? já mais nos aproximariamos. Nem ceu, nem inferno; nem oriente, nem occidente; nem alto, nem baixo; nem esquerda, nem direita. Em qualquer direcção que consideramos o universo, E INFINITO EM TODOS OS SENTIDOS! N'este infinito, as associações de soes e de mundos que constituem o nosso universo visivel não formam mais do que uma ilha do grande archipelago, e na eternidade da duração, a vida da nossa humanidade tão soberba, com toda a sua historia religiosa e politica, a vida toda do nosso planeta, não é mais do que o sonho d'um instante!...

L. DE BRAUMONT.



OLEO OPHYR. Chelone extrahida para a conservação e a delicia dos Chelones. VINAGRE DE TOUCADOR Afumado, Alcoolico, Frio e Sulfurico. PO DENTIFRICO. Sulfate de Sode, o unico que brancifica e conserva os dentes.

A REVISTA DAS REVISTAS

O granizo da noite de 18 a 19 de agosto na Belgica.

Eis aqui segundo a revista *Ciel et Terre* alguns pormenores sobre o granizo decastrizo que maltratou o Tournaisis durante a noite de 18 a 19 de agosto.

A nevum do granizo entrou na Belgica pelas communas de Orca e de Esplechin, entrando toda

uma zona tendo 3 a 4 kilometros de largura e algumas leguas de comprimento.

Os maiores estragos foram ao este de Tournai sobre o territorio das communas de Warchin, Havrinnes, Rumillies, etc. A região do norte de Tournai não foi atingida.

A saravia tinha, em geral, a grossura d'um ovo de pombo ou d'uma grossa noz. O peso medio era de 30 a 50 grammas, mas apanharam-se de 120, 130 e mesmo 140 grammas de peso. No campo toda a caça foi morta; levantava-se no dia seguinte sobre os campos fundidos, os cadaveres das lobres e dos perdigotos. Nas arvores, achavam-se passaros mortos no meio dos desheros de ramos cortados e da folhagem golpeada. As peras e as maçãs, que se podiam apanhar nos cabanos, estavam quasi todas esfoladas ou abentas pelo granizo.

Mesmo em Tournai, o aguaceiro do granizo principiou á meia noite e quizo minutos e durou de doce a quinze minutos. A saravia saltava dos telhados para as ruas como verdadeiros projectis e pulava sobre a calçada a mais d'um metro de altura. Os estragos são incalculaveis.

Outras localidades do país soffreram tambem com o granizo da noite de 18 a 19 de agosto. Citaremos entre outras Ecluse, Renais, Malines, etc. N'esta ultima cidade, perto das duas horas e meio da manhã, cahiu em abundancia granizo da grossura d'uma aveia. Em Malines mesmo, os estragos foram insignificantes, mas ao sul-oeste e ao sul da cidade tudo foi cortado nos campos; as arvores foram entoadas inteiramente denudadas. Na tarde de 19, podia-se ver ainda quantidades de granizo em certos fossos cobertos.

A PASTA DENTIFRICA DE BOTOT

VENDE-SE EM TODAS AS PRIMEIRAS CASAS E EM AL. DISPOSITO GERAL DE L.

UNICA VERDADEIRA AGUA DE BOTOT

PARIS — 17, Rue de la Paix, 17 — PARIS

O phyloxera na Asia menor.

O consul geral inglez, de Smyrne, M. Barnham assignou á tempo, a existencia do phyloxera em dois pontos d'esta região: nas vinhas situadas entre Smyrne e Bondjah e as comprehendidas entre Bondjah e Koukoudja. A rapida extensão do formidavel hemiptero faz supor que a sua introdução data pelo menos de trez annos. Foi trazido por viticultores allemães que dotaram o país d'um decote de vide excellentes, muito fecundo, mas sem duvida phyloxerico. A epidemia foi logo atacada com sulfureto de carbon, e a situação das vinhas contaminadas permitindo de as submergir facilmente, o governo deve-as fazer inundar durante uma quarentena de dias; emfim estabeleçam-se vinheiros de plantas americanas com as quaes se reconstituam os vinhedos. Esta região exportou, em 1886, perto de 3.500.000 francos de vinhos.

O telephone entre Paris e Londres.

A questão das communicações telephonicas destinadas a ligar Paris com Londres, está sendo agora mais de ordem financeira do que de ordem technica.

Esta linha compor-se-ha de duas partes: aereas cuja capacidade electrostatica é relativamente fraca, e d'uma parte subterranea cuja capacidade kilometrica é relativamente elevada.

As camaras francezas já votaram um credito de 400.000 francos para fazer face ás despesas de participação da Franca.

Affirma-se que ainda este anno Paris e Londres serão ligados pelo telephone.

A produção agricola dos grandes Estados.

A que cifra se eleva a produção dos cereaes no mundo inteiro? A que quantidade corresponde, por habitante a produção indigena dos diversos países? Ainda que sendo difficil de responder a estas duas questões d'uma maneira rigorosa, M. Graudon (*Revue française des colonies et de l'étranger*, do 1.º de outubro 1889) ponde graças ás avaliações da Administração da estatística do departamento

de agricultura, fornecer as indicações que parecem aproximar-se bastante da verdade.

Nos Estados-Unidos, a media annual da produção dos cereaes foi a seguinte nos dois ultimos periodos decennaes:

De 1870 a 1880..... 680.833.000 hectolitros.
De 1880 a 1887..... 582.554.000 —

O total para o anno 1888 é de 1.603.200.000 hectolitros debaixo do nome de cereaes, é preciso comprehender o trigo, o centeio, a aveia, a cevada, o milho e o trigo mourisco. As sementes figuram na produção dos Estados-Unidos por proporções diferentes: o milho, representa os cinco oitavos dos 1200 milhões d'hectolitros colhidos. O trigo caudal e a aveia formão a maior parte do restante; as colheitas reunidas de centeio, da cevada, e do trigo mourisco não correspondem a mais de 3 por cento da colheita total.

Estando dada a população actual dos Estados-Unidos d'America, a produção total em cereaes em 1888 elevou-se a 18,54 por habitante, exceden-

do da cora a hectolitros sobre a produção do ultimo periodo decennial. As estatísticas mais autorizadas avaliam a 2500 milhões de hectolitros a produção media annual do globo em cereaes (incluindo o arroz e o milhete). A cifra se repartirá aproximadamente da maneira seguinte entre as nações importadoras e es para as exportadoras, ou paizes que, anno medio, não chegam para a produção indigena a sua consumação, e aquellos que, ao contrario podem todos os annos vir em ajuda das regiões menos dotadas sobre o te producto.

Na Europa dão-se as cifras seguintes:

Paizes importadores.

	Produção em milhões de hectolitros.	Importação em milhões de hectolitros.
Reino Unido.....	121,0	68,1
Japão Al emão.....	262,0	23,3
Francia.....	233,9	14,6

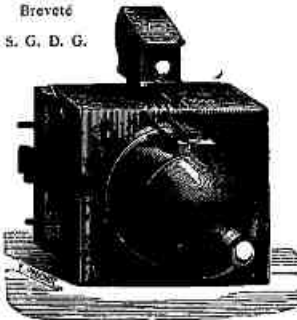
Austria-Hungria.....	106,9	4,1
Italia.....	97,0	3,1
Espanha.....	90,0	"
Portugal.....	13,4	6,0
Grecia.....	4,4	0,2
Suissa.....	6,3	3,0
Belgica.....	23,5	3,1
Paizes-Baixos.....	10,0	2,6
	1020,2	128,1

Paizes exportadores.

Russia.....	587,5	45,0
Rumania.....	30,3	8,0
Turquia.....	30,7	1,5
Suecia-Noruega.....	25,5	3,3
Dinamarca.....	"	4,0
	683,0	61,8
Total geral.....	1712,2	

O PHOTOSPHERO

Breveté
S. G. D. G.



A photographia pelo PHOTOSPHERO, tratado pratico da photographia instantanea. 4 provas fora do texto. Mandar-se franco contra 1 fr. 50 em carta de credito ou sellos.

CIE FRANÇAISE DE PHOTOGRAPHIE

PARIS — 7, rue Solferino. — PARIS.

O PHOTOSPHERO. — Este apparellho d'uma construção e d'uma forma absolutamente novas, dá resultados d'uma perfeição absoluta. Tem um peso muito ligeiro (350 gr.) e é todo construido de metal prateado e oxidado. As provas obtidas são da dimensão de 8 cent. sobre 9. O apparellho está sempre pronto para funcionar. Não é preciso nem arrumar, nem metter-se em foco. Escolher o assunto na mira e carregar d'uma alavanca, e a operação está feita. Pode-se operar durante a marcha d'uma carruagem ou d'un caminho de ferro, ou quando se vae a cavallo. Muitos officiaes possuem já este apparellho.

Preço do Photosphero com estojo de cabedal, mira e tres chassis doubles, 143 francos.
Cada chassis supplementar, 10 francos.
Cada duzia de placas 8 x 9 1 fr. 75.
A LAMPADA PHOTOSPHERA é um pequeno apparellho por meio do qual se pode fazer a photographia instantanea na escuridão, em um qualquer sitio privado de sufficiente luz. Basta acender esta pequena lampada, apontar a borcha accendida, e produz-se um relampago tão vivo que a placida impressão e produz um magnifico cliché.
Preço da Lampada photosphera contendo 30 cargas, 15 fr.
Cada pacote de 30 cargas, 4 francos.

LAMPADA PHOTOSPHERA



BELLEZA DO ROSTO
— LAIT ANTI-PELLIQUE —
O LEITE ANTEPELICO
para o misturado com agua, dissipa
SARDAS, TIZ, CRESTADA
PINTAS-RUBRAS, BORRUBIAS
NOSTO SARAPEAMENTO
E FURUNCULO
RUGAS
limpa e conserva a cutis liza e clara
S. G. D. G.



OLEO DE HOGG
de FIGADO FRESCO de BACALHAO
NATURAL e MEDICINAL
Receitado desde 40 ANOS, em
Francia, Inglaterra, Hespanha, Portugal, Brazil, Republicas Hispano-Americanas, pelos primeiros medicos do mundo, contra as Moléstias do Peito, Tosses, GRIPE, Irritações da Pelle, Pestões, fracos, Flores brancas, etc. O Olio de Bacalhão de HOGG é o mais rico em principios activos.
Vende-se em todas as farmacias.
Enle-se sobre a Etiqueta o Sello azul do Estado Francés.
Cada Proprietario: 200, 2, rue Castiglione, PARIS
E EM TODAS AS PHARMACIAS

EXPOSITION
Medaille d'Or
UNIVERS 1878
Cruix e Chevalier
LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES
AGUA DIVINA
E. COUDRAY
DITA AGUA DE SAUDE
Recomendada para o tónico, como conservando constantemente as células da amida, e preservando da peste e da cicatriz morbos.
ARTIGOS RECOMENDADOS
PERFUMARIA DE LACTEINA
Recomendada pela Glycerina Estada.
GOTAS CONCENTRADAS para o tónico.
OLEOCOME para a beleza dos cabelos.
ESTES ARTIGOS AGUAM-SE NA FARMACIA
PARIS 13, rue d'Enghien, 13 PARIS
Depositos em todas as Pharmacias, Pharmacies e Cabelleiros da America.

ESPARTILHOS
LÉOTY
adoptados pelo
high-life
parisiense.
8, P. de la Madeleine
PARIS

Em todos os Perfumistas e Cabelleiros
de França e do Extranjero
VELOUTINE
Pó d'Arroz
especial
PREPARADO COM RESMUTHO
Por CHES FAY, Perfumista
8, rue de la Paix, PARIS

DIGESTOES EFFICACES
Dyspepsia
Perda
de Appetito
DOENÇAS do ESTOMAGO
ELIXIR GREZ
GASTRALGIA
ANEMIA
Vomitos
Diarrhea
chronica
TONICO-DIGESTIVO com QUINA, COCA e PEPSINA
ADOPTADO EM TODOS OS HOSPITAIS — Medalhas de Ouro e Diplomas de Honra
PARIS — GRF. 2, rue Le Brûler, e em todas as Pharmacias

FERRO QUEVENNE
Bolo aprovado pela Academia de Medicina de Paris.
Cura Anemia, Fobria do Sangue, Ferias, Doras do Estomago, — 50 annos de successo.
Existe em cada frasco do Ferro Quevenne o selo de "UNION des FABRICANTS", 14, r. Beaux-Arts, Paris.

ASTHMA E CATARRHO
Curados COM OS CIGARROS ESPIC
S. G. D. G.
Sprengel, Tocco, Compositores, "Navalgaia"
Em todas as Pharmacias de Portugal e do Brazil. — PARIS, Vende-se por grosso,
1, RUE, rue St-Louis, St. Engr. este assignature sobre cada Cigarro

ORGÃO D'ALEXANDRE
Para o Filho
106, rue Richelieu
PARIS
MEDALHA D'HONRA
1889
MEDALHA D'OR
1889
ORGÃO
DE MÃO
acorde
Novas modelas
ORGÃO-HARMONIUM
Nº 100 PAROIS (A LERAN)
ATE 2000 PAROIS (300 CORDAS)
EXPEC-SE FRANCO A QUIN D PEDIR
o Catalogo illustrado

"L'INCOMPARABLE" LAMPADA DE ALGIBEIRA
A LAMPADA PEQUENA
MARTAIN, 19, Rue d'Enghien, PARIS
A LAMPADA completa: 3 fr. 95
contra assignature em cada frasco.

BISMUTHO ALBUMINOSO BOILE contra
dysenteria, diarrheas, gastralgias, colicas.
GRAOS do BROMHYDRATO de QUININA BOILE contra neuralgias,
febres, erizancas. Gotas. — 24, r. Beaux-Arts, PARIS, e em

